

O FITEI MOTNSJ

TEATRO
NACIONAL
S. JOAO



TEATRO CARLOS ALBERTO
14+15 MAI 2025

Vampyr

dramaturgia, encenação e desenho de som

Manuela Infante

desenho de luz
Rocio Hernández

assistência de encenação
e direção técnica
Pablo Mois

formação e coreografia
Dian C. Guevara

técnico de som
Víctor Muñoz

investigação e dramaturgia
Camila Valladares

guarda-roupa
Elizabeth Pérez

direção de produção
Carmina Infante Güell

interpretação
Marcela Salinas
David Gaete

produção
Centro Cultural
Matucana 100

coprodução
Espacio Checoeslovaquia
Centro Cultural de España (Chile)
NAVE
Kundura Sahne

apoio
Universidad Academia Humanismo
Cristiano
Oxiluz Iluminaciones
Cultura Violeta

estreia
22 Ago 2024
Centro Cultural Matucana 100
(Santiago, Chile)

qua+quí 19:00

dur. aprox. 1:45
M/12 anos

Espectáculo
em língua castelhana,
legendado
em português.

“Criaturas que não respeitam fronteiras”

MANUELA INFANTE

Vampyr é a terceira parte de uma trilogia que explora e derruba a fronteira que separa o humano do não humano. Nas nossas duas peças anteriores – *Estado Vegetal* e *Cómo Convertirse en Piedra* – tínhamos já começado a refletir sobre a forma como o conceito de “humano” tem ajudado a sustentar e legitimar explorações e exclusões significativas.

Nesta peça, retomamos o mito do vampiro, a fim de subverter ainda mais os binarismos humanistas. Os vampiros são humanos e animais, estão vivos e mortos, em decomposição. Tudo ao mesmo tempo. É por isso que gostamos deles. Acreditamos que este hibridismo, esta mistura entre elementos humanos e não humanos, baralha muitas das fronteiras da individualidade que o Iluminismo humanista valorizou durante tanto tempo.

A modernidade europeia gerou a individualização; a criação de indivíduos únicos e alienados, a ideia do “eu” fechado sobre si mesmo. As práticas e teorias que se seguiram funcionaram como se o mundo fosse um espaço cheio de entidades autónomas e tipos separáveis. Seres autónomos que poderiam ser dispostos por ordem de importância; uma hierarquia do direito à vida. Estas ideias, como é óbvio, conjugam-se facilmente com as fantasias capitalistas de um crescimento sem limites, assegurado pela apropriação e exploração dos outros. O Sul foi – e continua a ser – invadido e explorado segundo estas ideias, embora não partilhe nenhuma delas.

O vampiro do Sul que criámos procura resistir a esta exploração e apropriação justamente por meio do seu hibridismo. Os nossos vampiros são criaturas que não respeitam fronteiras, posições, categorias. Estão no meio, subversivamente ambíguos, e riem-se das modernas conceções do “eu” invariável.

A dissolução das fronteiras que o vampiro protagoniza enquanto criatura mítica, remete para o facto de, na verdade, isso acontecer em todos os níveis da vida. O humano não é um ser autónomo e isolado, mas algo em permanente mutação, radicalmente comprometido, de forma subjetiva e material, com os outros.

Vivemos, crescemos e sofremos num mundo de entrelaçamentos. Devemos abordar as crises que enfrentamos hoje tendo em conta a complexidade dessa rede de relações. O teatro é um lugar perfeito para praticar entrelaçamentos. Porque é um meio de cruzamentos. Onde o tempo, espaço, voz, som, corpos, etc. estão ligados entre si.

Esta peça tem sido uma oportunidade para nos movermos em torno da ideia de que não somos seres fixos e fechados, mas corpos emaranhados em corpos. Somos, portanto, essencialmente vulneráveis. Uma vulnerabilidade que não deve inspirar apenas receio, mas que também pode estimular o cuidado e a responsabilidade pelo outro. “Entrelaçamentos são relações de compromisso – estar ligado ao outro” (Karen Barad). Isto também implica ter a capacidade e a obrigação de responder aos outros: ser responsável.

É por isso que um teatro não humano é um esforço crítico, mas também um exercício especulativo sobre outras formas de organização, outras formas de política, através das quais tentamos encenar um modo de descolonizar as práticas teatrais do pensamento que tem como centro e modelo o humano. ■

TEATRO SÃO JOÃO
15+16 MAI 2025

Anna Karénina de Lev Tolstoi

encenação

Carme Portaceli

dramaturgia

Carme Portaceli
Anna Maria Ricart Codina

adaptação

Anna Maria Ricart Codina
(a partir da tradução para catalão
de Andreu Nin)

cenografia

Alessandro Arcangeli
Paco Azorín

figurinos

Carlota Ferrer

desenho de luz

Ignasi Camprodon

audiovisuais

Joan Rodón

produção em direto

Martín Elena

caracterização

Imma Capell

movimento e coreografia

Ferran Carvajal

composição musical e sönoplastia

Jordi Collet

son

Carles Gómez

diretor adjunto

Kike Gómez

assistência de figurinos

Laura Canç

estágio de encenação

Noa Navarro

construção de cenários

Pascualín Structures

pintura do sólo

Jorba - Miró. Estudi - Set design
workshop

design de figurinos

Goretti Puente

Inés Mancheño

Antonia Pérez

tradução para legendagem

Pedro Ventura

interpretação

Jordi Collet
Andie Dushime
Borja Espinosa
Eduard Farelo
Ariadna Gil
Miriam Moukhles
Bernat Quintana
Bea Segura

produção

Teatre Nacional de Catalunya

coprodução

KVS Brussels
Théâtre Nanterre-Amandiers
Internationaal Theater Amsterdam

estreia 21 Nov 2024

Teatre Nacional de Catalunya
(Barcelona, Espanha)



qui 19:00 sex 21:00

dur. aprox. 3:10
com intervalo
M/16 anos

Espectáculo
em língua catalã,
legendado
em português.



“Há um lugar onde a felicidade é possível”

CARME PORTACELI

Anna apaixonou-se e, nesse preciso momento, como um presságio que ela própria adivinha, a morte começa a pairar sobre toda a obra. É evidente que Tolstói leu Flaubert, porque Anna repete as palavras de Emma Bovary quando decide nunca mais se deixar pisar: “Tudo é falso, tudo é mentira, tudo é engano, tudo é maldade.” Como Emma, o caminho para a felicidade custar-lhe-á a vida. Esta sociedade hipócrita não lhe permitirá fazer o que todos possivelmente desejariam fazer, mas não se atrevem.

Afinal, quem é Anna no momento em que abandona o marido e o filho? Porque é que somos “a mulher”, em vez de “as mulheres”, diferentes e unidas por uma história injusta e partilhada por todas, desde sempre e em todo o mundo? O que é que cada um de nós projeta ao ver o corpo de uma mulher?

Mas, como diz a Ofélia de Heiner Müller, não voltaremos a suicidar-nos; não voltaremos a enfiar a cabeça no fogão a gás, nem tomaremos mais comprimidos, nem saltaremos pela janela, nem cortaremos os pulsos. Gritaremos sem descanso que há um lugar onde a felicidade é possível para todas nós. ■

TEATRO SÃO JOÃO
22+23 MAI 2025

Gaivota

a partir de

Anton
Tchékhov

encenação

Guillermo
Cacace

dramaturgia
Juan Ignacio Fernández
assistência de encenação
Alejandro Guerscovich

fotografia
Alejandra López
desenho gráfico
Leandro Ibarra

fotografia de cena
Francisco Castro Pizzo

interpretação
Raquel Ameri
Muriel Sago
Marcela Guerty
Clarisa Korovsky
Romina Padoan

produção
Romina Chepe

assistência de produção
Romina Ciera

delegação de produção
e distribuição
Carlota Guivernau

estreia Fev 2023
Sala Apacheta
(Buenos Aires, Argentina)

quí 19:00 sex 21:00

dur. aprox. 1:40
M/16 anos

Espectáculo
em língua castelhana,
legendado
em português.



“O texto que prometi a mim mesmo fazer”

GUILLERMO CACACE

Em fevereiro de 2020, dei a ler a um grupo de atrizes a obra que desejava transformar em exercício. Eu queria aquelas atrizes e aquele material, e pouco me importava a indicação de gêneros que a peça poderia exigir: precisava delas, das suas sensibilidades. Tratava-se do texto que prometi a mim mesmo fazer um dia antes de morrer. Uma das experiências que queria ter como parte da minha passagem pelo mundo. Pouco tempo depois, a vida achou-se ameaçada, declarou-se a pandemia, irrompeu a morte. Era o momento de dar corpo a esse desejo. A versão apresentada para leitura foi criada por um companheiro dramaturgo de longa data, companheiro de outros “tchékhovs”. Nessa versão, Masha, que funciona e se assume como personagem secundária, protagonizaria uma reviravolta: quebrava a hierarquia das vozes que costumam ser ouvidas, as sempiternas vozes principais.

Durante um ano e meio, reunimo-nos virtualmente no intervalo entre a meia-noite de domingo

e a madrugada de segunda-feira. Sobrevivíamos a um vírus, em parte, graças a uma Gaivota. E não à tchekhoviana *A Gaivota* por antonomásia. Gaivota é um animal, e a obra, na sua lógica composicional, demonstra a trajetória que vai do animal/humano ao animal, deixando-se depois permear por uma condição quase vegetal, para finalmente habitar um silêncio mineral. Um humano mata um animal, um belo pássaro, o teatro agoniza, os laços corroem-se, a dor irrompe e, no meio dos nossos ensaios, declara-se uma guerra que nomeia a cada instante o território onde Tchekhov situa a ação: Kiev. De que está desobrigado o corpo que atua, que dirige, que escreve, que produz, que assiste? Quisemos que não estivesse desobrigado de nada; e recolhemos do mundo, em cada um dos nossos recessos mais íntimos, todo o tremor possível nesta produção, que é um defeito, um acidente laboral, algo inacabado, o balbucio que se impôs como a melhor superfície para nos abirmos aos nossos convidados e convidadas (ao público), e partilharmos a precariedade de uma mesa de trabalho. Entretanto, perto da estreia, uma nova realidade política tornava precárias quase todas as mesas do nosso país. ■

APOIO



AGRADECIMENTOS

Câmara Municipal do Porto
Polícia de Segurança Pública

EDIÇÃO

Teatro Nacional São João

tradução e coordenação
Rui Manuel Amaral

fotografia

Nicolás Calderón (*Vampyr*)

David Ruano (*Anna Karénina*)

Francisco Castro Pizzo (*Gaivota*)

design gráfico

João Faria/Drop

impressão

Mota & Ferreira, Lda.

Não é permitido filmar,
gravar ou fotografar
durante os espetáculos.
O uso de telemóveis
e outros dispositivos
eletrónicos é incómodo,
tanto para os intérpretes
como para os espectadores.



O TNSJ É MEMBRO



Com o apoio de:

